

PESQUISAS EM TECNOLOGIA E ENSINO DE LÍNGUAS: DISCURSO, WEB 2.0 E MATERIAIS DIDÁTICOS

Prof. Dr. Márcio Luiz Corrêa Vilaça

Prof. do Programa de Pós-Graduação em Letras e Ciências Humanas da UNIGRANRIO
professorvilaca@gmail.com

RESUMO

Este trabalho discute relações entre tecnologia e ensino/aprendizagem de línguas, buscando estabelecer diálogos entre publicações e pesquisas em três áreas: Educação, Tecnologia e Estudos Linguísticos, de forma a busca de tratamento interdisciplinar das questões em estudo. O foco está em quatro aspectos: terminologia em tecnologia e educação, a comunicação em contextos digitais, a Web 2.0 e os materiais didáticos. Ele também discute aspectos letramento digital e gêneros digitais. O trabalho se insere no grupo de estudos *Linguística Aplicada, Tecnologias e Educação*¹ (LATED), cadastrado no diretório de grupos de pesquisas do CNPq, que tem como objetivo estudar relações entre tecnologia, educação e linguagem. Algumas das discussões apresentadas aqui estão relacionadas a pesquisas em andamento.

Palavras-chave: linguagem, tecnologia, educação

ABSTRACT

The present article discusses relations between technology and language teaching and learning, by trying to establish dialogs among publications and research in three fields: Education, Technology and Applied Linguistics, so that we can provide readers with an interdisciplinary approach of the issues being studied. The focus is on four key aspects: terminology in technology and education, communication in digital contexts, Web 2.0 and instructional material. It also discusses issues of terminology, digital literacy and digital textual genres. The work takes place in the group *Linguística Aplicada,*

¹ O grupo *Linguística Aplicada, Tecnologias e Educação* (LATED) de pesquisadores e discentes de graduação e pós-graduação, alunos de iniciação científica e colaboradores que pesquisam em campos da linguística aplicada, tecnologia e educação, com foco está seguintes temáticas: as novas tecnologias de informação e comunicação, o processo de ensino/aprendizagem de línguas (maternas e estrangeiras), formação de professores, educação online, letramento, leitura, materiais didáticos, cibercultura e letramento digital. Link no CNPq: <http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=1177801IQZBLS2>

Tecnologias e Educação – LATED (Applied Linguistics, Technologies and Education), registered at CNPq' directory of research groups, which aims at studying issues involving technology, education and language. Some discussions presented here are related to research in development.

Keywords: language, technology, education

1- Introdução

Este artigo apresenta algumas discussões relativas a questões que tenho pesquisado nos últimos anos e sobre os quais tratam alguns dos meus últimos artigos. Tais questões envolvem três temas abrangentes, ricos e complexos: tecnologia, linguagem e educação. Para tratar destes temas, as pesquisas buscam privilegiar uma perspectiva interdisciplinar, especialmente com contribuições de três áreas: Educação (predominantemente Educação a Distância), Tecnologia e Estudos Linguísticos. O foco das discussões aqui realizadas prioriza quatro temas: terminologias em tecnologia e educação, a comunicação em contextos digitais, a Web 2.0 e os materiais didáticos.

Não é preciso recorrer a pesquisas formais ou estatísticas para constatar que as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) estão em grande e rápido desenvolvimento e em crescente popularização. Trata-se de um fenômeno mundial. Isto, no entanto, não significa uma “padronização” tecnológica universal. Logicamente é necessário reconhecer que há variações tecnológicas entre países diferentes e em regiões diferentes dentro de um país ou de um Estado. Alguns dos fatores que influenciam estas possíveis variações são: infraestrutura, questões econômicas, localização geográfica, regimes políticos, entre muitos outros. Como exemplo, é possível apontar que, enquanto tecnologia 4G de acesso à internet é realidade em alguns países, no Brasil ela ainda não está disponível².

A presença de dispositivos digitais que permitem acesso à internet é crescente em diferentes práticas sociais. Como consequência, a internet tem influenciado as possibilidades e formas de informação, comunicação, educação, consumo, relação social, entre outras. Em termos acadêmicos, a internet tem sido objeto de estudos de

² Espera-se que algumas cidades brasileiras já tenham a tecnologia disponível em 2013, com metas crescentes de expansão. Algumas operadoras de telefonia oferecem uma versão mais rápida da tecnologia 3G. No entanto, ainda são poucos os aparelhos compatíveis.

diversas áreas do saber (Educação, Linguística, Sociologia, Filosofia, Economia, Direito, etc), o que evidencia a pertinência de pesquisas interdisciplinares.

Considerando o foco deste trabalho, já apresentado acima, as seções seguintes apresentam discussões relacionadas à tecnologia (mais diretamente a internet) e ao ensino de línguas (materna e estrangeira).

2- Internet e Discurso: terminologias

No plano do discurso, a tecnologia tem gerado uma grande variedade de terminologias. Mas o que é terminologia? No campo dos estudos linguísticos, Charaudeau e Maingueneu (2008 p. 464) apontam que podemos compreender como terminologia “o conjunto de palavras e expressões munidas de suas definições, por meio das quais uma disciplina científica ou técnica refere-se às noções que a constituem”. Os autores, em seu *Dicionário de Análise do Discurso*, acrescentam que a palavra *nomenclatura* é empregada às vezes como sinônimo de *terminologia* (2008, p.464).

Estas novas terminologias relacionadas às tecnologias podem apresentar emprego mais abrangente (relacionado a diferentes campos de estudo) ou restrito (mais diretamente relacionado a uma área mais delimitada)³.

No caso de terminologias de uso abrangente, é possível citar como exemplo *web 2.0* (VALENTE e MATTAR, 2007; GABRIEL, 2010; TORI, 2010), *cibercultura* (FREITAS, 2009; SANTAELLA, 2010; LÉVY, 2010), *redes sociais* (VALENTE e MATTAR, 2007; GALLARDO, 2010), *nativos e imigrantes digitais* (TORI, 2010; CARLINI e LEITE, 2010), e *hipermídia* (FERRARI, 2010). Estas terminologias podem ser encontradas em publicações de áreas diversas (Educação, Linguística Aplicada, Sociologia, Marketing, etc). Isto é consequência da amplitude dos conceitos aos quais estas terminologias se referem.

Outras terminologias podem privilegiar ou estarem mais diretamente relacionadas a áreas mais específicas. No campo de Educação, alguns exemplos são *objetos de aprendizagem* (MATTAR, 2012), *design instrucional* (FILATRO, 2008), *blended learning* (TORI, 2009), *webquest* (MATTAR, 2012), *m-learning* (BARROS, 2009). Em

³ Pesquisa realizada na UNIGRANRIO, apoiada pelo CNPq por meio de bolsa de Iniciação Científica sob minha orientação (Da tecnologia ao discurso: conceitos, terminologias e siglas - Bolsista: Maria Juliana Batista), investigou terminologias relacionadas à educação e tecnologia.

Estudos Linguísticos, servem de exemplo *letramento digital* (VILAÇA e ARAUJO, 2012), *gêneros (textuais) digitais* (MARCHUSCHI; 2010); *hipertexto* (XAVIER, 2010) e *e-discurso* (MARCHUSCHI; 2010).

Outra observação importante é o amplo emprego de terminologias em língua inglesa (*blended learning, chat, m-learning, webquest, username, feedback, login...*). O uso dos termos em língua inglesa nem sempre objetiva suprir carência de uma tradução adequada. Para muitos dos termos, há traduções possíveis e populares como, por exemplo, *bate papo* para *chat* e *ensino híbrido* para *blended learning*.

Convém apontar que alguns termos são polissêmicos e/ou ambíguos. Logo, podemos encontrar um mesmo termo sendo empregado para dois ou mais conceitos ou significados, fato que poderá ser percebido na discussão sobre letramento digital. No campo da educação a distância (EaD), Litto (2010, p. 34) oferece uma interessante reflexão sobre o problema terminológico:

Os profissionais veteranos da EaD enfrentam o mesmo problema dos que estão entrando na área- a proliferação de termos sem que haja uma distinção clara entre eles. O problema da nomenclatura também representa um obstáculo sério quando se trata de interpretar o histórico escolar dos alunos ou transferir créditos de uma instituição para outra.

De forma a tentar lidar com este problema terminológico, alguns livros sobre educação a distância apresentam pequenos glossários ou listas de termos com breves definições, caracterizações ou exemplos (LITTO, 2010; CASTILHO, 2011; MATTAR, 2011 e 2012, por exemplo) .

De forma ampla, o problema terminológico é bastante comum no campo das Ciências Humanas.

3- Web 2.0

A chamada web 2.0 tem despertado interesse no campo da Educação. Gabriel (2010) aponta duas características marcantes da Web 2.0: a “explosão de conteúdos” e a “explosão das redes sociais”. Vilaça (2011) destaca que a web 2.0 representa uma mudança de paradigma de participação e interação sociais na internet, que podem ser sintetizados pelas seguintes características: “1) maior participação dos usuários na produção, no compartilhamento de informações e conteúdos; 2) maior interação entre os usuários; 3) web como plataforma” (VILAÇA, 2011, p.1020). “1) maior participação

dos usuários na produção, no compartilhamento de informações e conteúdos; 2) maior interação entre os usuários; 3) web como plataforma” (VILAÇA, 2011, p.1020).

Vilaça e Araújo (2012, p. 61), ao discutirem mudanças nas formas de participação e interação na internet, explicam que:

O crescimento da internet e mudanças de forma de participação nela contribuíram para a compreensão de uma chamada web 2.0, na qual usuários não apenas consomem informações, mas as produzem e divulgam de modo colaborativo (VALENTE e MATTAR, 2007; VILAÇA, 2011), de formas variadas. Como discutido em Vilaça (2011), a web 2.0 não se refere à velocidade ou tecnologia de acesso, mas às práticas sociais nela desenvolvidas. Na web 2.0, passamos de uma internet predominantemente receptiva - da “leitura” e “audição” – e de consumo de informações para uma internet ativa da “escrita” e da “fala” – e produtiva de informações. A internet ajudou a dar voz, visão e visibilidade a diferentes questões sociais.

Valente e Mattar argumentam que “tem-se falado muito sobre os impactos das tecnologias da web no comércio, na mídia e nos negócios em geral, mas pouco ainda sobre o seu impacto na educação” (VALENTE e MATTAR, 2007, p.84). Hoje, no entanto, passados alguns anos da afirmação dos autores, a questão já tem atraído mais atenção de educadores, que refletem sobre as possibilidades de empregos de recursos da web 2.0 em práticas educacionais, não apenas em educação a distância.

Alguns dos recursos típicos da web 2.0 empregados em educação são redes sociais, serviços online de compartilhamento de conteúdos, softwares online, criação e edição colaborativa de conteúdos. A tendência é que os impactos da web 2.0 sejam mais intensos nos próximos anos.

Como consequência, denominações como educação 2.0, educador 2.0, professor 2.0 já podem ser encontradas em algumas publicações e em trabalhos em congressos.

4- A comunicação em Contextos Digitais

Se a internet tem influenciado diferentes práticas sociais, a comunicação não fica imune a isto. Provavelmente a faceta mais popular disto –e possivelmente a mais polêmica - seja o *internetês*. No entanto, a questão da comunicação em contextos digitais vai muito do *internetês*, sendo bem mais complexa que possa parecer em primeiro instante. Por este motivo, muitos linguistas de áreas diferentes - como linguística textual, linguística aplicada, sociolinguística – realizam estudos sobre questões que envolvem internet e linguagem.

Sobre o internetês, Vilaça e Araújo (2012, p. 65) apontam que:

Algumas características do *Internetês* são abreviações (*msg*, *bjs* ou *bjus*, por exemplo), maior proximidade com a pronúncia (*kadê*, *adoru* ao invés de *cadê* e *adoro*), uso de estrangeirismo (*me add*, para *adicione-me*), siglas a partir do inglês (*BTW* para *by the way*; *ASAP* para *as soon as possible*).

A internet não pode ser vista apenas como um local de comunicação, mas como uma tecnologia que possibilita uma diversidade de *gêneros textuais digitais*. Podemos entender os *gêneros textuais* como formas sociocomunicativas que apresentam características relativamente estáveis. Alguns exemplos básicos de gêneros textuais são *carta*, *bilhete*, *resumo*, *receita de bolo*, *tirinha*, *conversação*, *palestra*, *entrevista...* (KOCH e ELIAS, 2008; MARCHUSCHI, 2008).

Na comunicação em contextos digitais, exemplos clássicos de gêneros textuais digitais (muitas vezes chamados apenas de *gêneros digitais*) são *blog*, *e-mail*, *fórum*, *bate-papo(chat)*. Estudiosos da linguagem tem se preocupado entender estes gêneros que surgem e se modificam com a tecnologia, neste caso mais especificamente com a internet.

Conforme apontado anteriormente, os gêneros textuais são “relativamente estáveis”. Isto significa que não se submetem a regras, formatos ou estilos fixos, demasiadamente restritos ou inflexíveis. Ao contrário, são dinâmicos, sofrem variações e se adaptam a fatores como contexto de produção, natureza e características do suporte, função comunicativa.

Por este motivo, nem sempre é fácil caracterizar um gênero ou diferenciá-lo precisamente de outros. Um conceito merece ser abordado para ajudar a compreender isto: a *intergenericidade*, que também pode ser chamada de *hibridização* ou *intertextualidade intergêneros*. Segundo Koch e Elias (2008, p. 114), “a hibridização ou intertextualidade intergêneros é o fenômeno segundo o qual um gênero pode assumir a forma de um outro gênero, tendo em vista o propósito de comunicação”. As autoras apontam que um texto pode apresentar a forma de um gênero textual, mas desempenhar a função de outro. Isto acontece com bastante frequência em textos com finalidades publicitárias ou de humor.

No caso dos gêneros textuais digitais, tradicionalmente é comum discuti-los e categorizá-los quanto ao momento da comunicação (assíncrona e síncrona) e a

modalidade (escrito e oral). Neste sentido, o blog seria um gênero escrito assíncrono. Este tipo de classificação é demasiadamente restritiva.

Outra observação pertinente é a comparação entre gêneros textuais tradicionais (*off-line*) e os digitais. Em muitas publicações, o *blog* é comparado ao *diário pessoal*, por exemplo, e o *chat* é comparado ao *bate papo*. Busca-se com isso, geralmente com finalidade pedagógica, apontar semelhanças entre os gêneros. No entanto, as semelhanças não podem ser confundidas com equivalência ou contrapartida entre a comunicação *off-line* e a *online*. Afinal, embora os gêneros digitais ainda tenham uma história razoavelmente breve, já sofreram (e constantemente sofrem) transformações. O *e-mail* hoje é empregado com mais funções e recursos que na sua origem ou nos primeiros anos da internet comercial. Com conexões lentas, os e-mails eram basicamente empregados para troca de mensagens curtas. Hoje, a situação é bastante diferente. Eles podem ser longos, conter vídeos, animações, áudio, questionários, formulários, e anexos diversos.

A comunicação em contexto digital não se restringe ao *internetês* e aos *gêneros textuais digitais*. Estudiosos da linguagem realizam pesquisas no intuito de compreender melhor os processos de leitura, produção e interação no hipertexto.

5- Letramentos e tecnologia

Os avanços tecnológicos e as novas possibilidades de práticas sociocomunicativas geraram a necessidade de reflexões e pesquisas sobre os seus impactos nos letramentos. Na literatura, pesquisadores falam em *letramentos multissemióticos* e *letramento digital*, sendo o segundo tipo o mais popular. Na prática, eles estão inter-relacionados.

Ao encontrar o termo *letramento digital*, podemos lidar com duas compreensões diferentes:

- a) *letramento em tecnologias digitais* - o que alguns denominam como *alfabetização digital*, *alfabetização tecnológica*, *letramento tecnológico* (habilidades para uso de dispositivos eletrônicos) – Este tipo de letramento relaciona-se mais diretamente com a educação e a tecnologia.

b) *letramentos em contextos digitais*, relacionados a diferentes aspectos de letramento (discursivo) em contextos digitais. Este tipo de letramento relaciona-se mais diretamente com áreas dos estudos linguísticos.

O letramento digital como *letramento no uso de tecnologias digitais* está relacionado à capacidade de compreensão e emprego de diferentes recursos tecnológicos. É fato que o domínio de tecnologias varia muito entre as pessoas. Se ligar uma televisão e trocar de canal é uma tarefa simples para todo mundo, o uso de alguns dispositivos tecnológicos – mesmo alguns que não são recentes - ainda oferece dificuldade para muitas pessoas. Um exemplo bem clássico disto é a dificuldade que muitas pessoas encontram para o uso de caixas eletrônicas em bancos. Voltando ao caso dos aparelhos de televisão, muitas pessoas ficam restritas aos usos básicos, ignorando ou não sabendo aproveitar diversas funcionalidades.

É um engano achar que, com a popularização de diversos aparelhos digitais, todo mundo é capaz de usá-los plenamente e sem dificuldades. Na vida real, muitas pessoas encontram dificuldades no uso de diversos aparelhos e o computador é um deles. A questão não está limitada ao uso do aparelho físico ou o *hardware*, mas também às suas funcionalidades e aos seus *softwares*. Muitos aparelhos celulares, por exemplo, oferecem uma diversidade de funções, mas para muitas pessoas eles são empregados nos seus usos básicos de fazer e receber ligações. Dessa forma, podemos entender que, em muitos casos, há um subaproveitamento dos recursos tecnológicos.

Os níveis de domínio tecnológico – ou letramento digital nesta concepção - variam de forma bastante complexa. Logo, a questão não pode ser reduzida simplesmente a saber, ou não, usar um recurso tecnológico (sejam dispositivos, softwares, sites, serviços online...), mas refletir sobre o nível de competência ou fluência tecnológica.

No campo da Educação, as dificuldades de professores no emprego de tecnologias tornaram-se bastante evidentes, sendo inclusive apontadas em uma número cada vez maior de publicações e pesquisas acadêmicas. Assim, é preciso buscar formas de desenvolver e aperfeiçoar o letramento digital (tecnológico) dos professores para que a Educação possa ser beneficiada disto. É necessário reconhecer que os currículos apresentam dificuldades de acompanhar as mudanças e tendências provocadas pela tecnologia e pela cibercultura (FREITAS, 2009; SANTAELLA, 2010; LÉVY, 2010).

O letramento digital como *letramento (discursivo) em contextos digitais* (ARAÚJO, 2012; VILAÇA e ARAÚJO, 2012) envolve a capacidade de práticas discursivas que ocorrem em contextos digitais ou por meio deles. Logo, trata-se de uma expansão das práticas tradicionais de letramento do mundo real para o mundo virtual⁴.

O letramento em contextos digitais/letramento digital não pode ser visto de forma demasiadamente reducionista, como, por exemplo, saber escrever um *e-mail* ou outro gênero textual digital ou compreender o *internetês*. Em outras palavras, não deve ser reduzido a fórmulas, frases prontas, dicas ou modelos. Afinal, conforme Araujo (2011, p. 644) aponta:

A rede mundial tem permitido novas práticas de leitura e escrita, antes apenas feitas por meio do papel. Entretanto, não há apenas interação com textos escritos, mas com o meio visual, auditivo e espacial. Esta nova linguagem digital inclui a habilidade de construir sentido em textos multimodais, que mesclam palavras, imagens e sons em um mesmo espaço. Contudo, exige da pessoa certa familiaridade com os ambientes dos programas e até mesmo em como se comunicar com outras pessoas por meio do computador.

O texto virtual é fortemente propício à multissemioses (XAVIER, 2010). Isto significa que ele proporciona com grande frequência oportunidades de combinação de texto, imagens, sons, vídeos, cores, design... Em consonância com esta compreensão, Roxane Rojo (2009, p. 107) afirma que a educação linguística deve levar em consideração “os letramentos multissemióticos exigidos pelos textos contemporâneos, ampliando a noção de letramentos para o campo da imagem, da música, das outras semioses que não somente a escrita”. De forma bastante explicativa, concisa e clara, a experiente pesquisadora de estudos linguísticos acrescenta que:

O conhecimento e as capacidades relativas a outros meios semióticos estão ficando cada vez mais necessários no uso da linguagem, tendo em vista os avanços tecnológicos: as cores, as imagens, os sons o design etc., que estão disponíveis na tela do computador e em muitos materiais impressos que têm transformado o letramento tradicional (da letra/livro) em um tipo de letramento insuficiente para dar conta dos letramentos necessários para agir na vida contemporânea (Moita-Lopes & Rojo, 2004)

As concepções de letramento digital e letramentos multissemióticos aqui abordadas apresentam, portanto, novas demandas para educadores e linguistas,

⁴ É importante informar que esta divisão real e virtual é apenas para fins didáticos. Muitas publicações empregam os adjetivos *real*, *presencial*, *tradicional*, *convencional*, *analógico* e *off-line* para comparações ou oposições ao *online*, *virtual*, *digital*...

oferecendo rico campo para pesquisas e publicações. Estes letramentos devem ser considerados por professores no planejamento de suas aulas, nos currículos, nas suas práticas pedagógicas, nas formas de avaliação, na análise e no desenvolvimento de materiais didáticos. Enfim, estas novas demandas não podem ser ignoradas. Professores de línguas devem compreender que as tecnologias não só oferecem aparelhos ou softwares, mas que geram possibilidades de comunicação diversificadas.

6- Algumas tendências para materiais didáticos

O Ministro da Educação, Aloízio Mercadante, afirmou que formamos professores do século XX para alunos do século XXI⁵. Esta afirmação foi noticiada pelos principais portais de notícias e jornais. Como parte da motivação desta colocação está o reconhecimento da dificuldade de formar professores para este novo mundo digital, no qual celulares, smartphones, computadores, entre outros dispositivos, tornam-se ferramentas poderosas de informação, interação e educação. Em outras palavras, a escola ainda forma cidadãos predominantemente “analógicos” para um mundo cada vez mais “digital”, “informatizado”.

Por analogia, podemos indagar: Até que pontos os materiais didáticos estão preparados para este mundo digital do século XXI? Não é possível ignorar que as transformações e as possibilidades proporcionadas pelos avanços tecnológicos precisam ser consideradas e incorporadas aos materiais didáticos de naturezas diversas, inclusive os livros didáticos impressos. Neste sentido, é possível apontar brevemente algumas tendências relacionadas aos materiais didáticos que certamente atrairão mais atenção nos próximos anos:

a) uso da tecnologia na produção e disponibilização do material

Uma forte tendência que se aponta para os próximos anos é a popularização de materiais didáticos digitais disponíveis para computadores, *notebooks*, *tablets*, *smartphones*... Hoje este tipo de material didático é bem mais comum em cursos de educação a distância. No entanto, já é possível encontrar algumas escolas e universidades adotando materiais para computadores e *tablets*. Na maioria das vezes, materiais desta natureza são desenvolvidos e

⁵ <http://www.fazenda.gov.br/resenhaeletronica/MostraMateria.asp?page=&cod=790565> – Data de Acesso: 26 de agosto de 2012.

comercializados por editoras ou por profissionais específicos em escolas e universidades, tais como designers instrucionais e tecnólogos educacionais. São poucos os casos de materiais digitais desenvolvidos por professores para as suas aulas. Os materiais didáticos digitais podem ser disponibilizados em mídias físicas (como CD-Rom, DVD e Pen Drives) ou *online*. Os materiais podem recorrer a diferentes semioses, proporcionando alto nível de interatividade.

b) o desenvolvimento letramentos em contextos digitais e letramentos multissemióticos;

Os materiais didáticos devem explorar práticas voltadas para o desenvolvimento de novos letramentos. Este aspecto está mais diretamente relacionado aos professores de línguas, mas não deve ficar restrito a eles. Convém apontar que hoje os livros didáticos de língua materna ainda pouco abordam os gêneros textuais digitais (ARAUJO, 2012; MADEIRA, 2012⁶), apesar da sua importância. As “novas” tecnologias tendem a gerar novas demandas para os currículos. Os livros didáticos digitais devem explorar múltiplas semioses. Hoje, além de ainda serem poucos os livros digitais, estes se concentram predominantemente na linguagem escrita e em imagens estáticas. Na grande maioria dos casos o que muda é o suporte (o “local”) da leitura: da folha impressa para a tela de um computador ou *tablet*.

c) a combinação de atividades presenciais com atividades de estudo online

Muitos estudiosos apontam que a distinção entre educação a distância e educação presencial deve ficar menos evidente. Em outras palavras, as modalidades devem interagir sendo o *blended learning* - ensino semipresencial- uma forte tendência para um futuro breve. Esta combinação tem muito a aproveitar recursos da Web

⁶ Elaine Vasquez de Ferreira de ARAUJO (2012) e Mônica Saad MADEIRA (2012) realizaram pesquisas de dissertação mestrado no Programa de Pós-Graduação em Letras e Ciências Humanas da UNIGRANRIO. Araújo pesquisou letramento em contextos digitais em livros didáticos de Língua Portuguesa e elaborou um guia de análise de livros didáticos com foco na temática. Madeira pesquisou gêneros textuais em livros didáticos de Língua Portuguesa. Os dois trabalhos foram realizados sob minha orientação.

2.0, como *blogs*, fóruns, compartilhamento de conteúdos, wikis, produção compartilhada.

As novas possibilidades de empregos de diferentes tecnologias por vezes acabam em gerar novas demandas para os professores. É preciso que os professores construam novos conhecimentos e competências. A capacidade de elaborar atividades e materiais didáticos para estas novas tecnologias pode ser considerada como uma destas competências a serem desenvolvidas ou aperfeiçoadas. Em outras palavras, os professores devem ser capazes de produzir seus materiais didáticos digitais para as suas aulas, assim como tradicionalmente faz com materiais impressos. Em síntese, os processos de elaboração, análise e avaliação de materiais didáticos digitais deverão incorporar novos critérios.

7- Considerações Finais

Este trabalho examinou brevemente questões relacionadas à tecnologia e à educação, com foco no ensino de línguas. Foram apresentados alguns tópicos ainda pouco conhecidos por muitos professores, mas que devem atrair crescente atenção nos próximos anos. O presente artigo, de certa forma, apresenta uma visão geral de temáticas que são pesquisadas e debatidas no Grupo de Pesquisa *Linguística Aplicada, Tecnologias e Educação* da UNIGRANRIO, inclusive de pesquisas que se encontram em andamento.

As discussões sobre o emprego de tecnologia em educação em publicações ainda são encontradas predominantemente em obras sobre educação a distância, fato que pode ser ilustrado com parte do referencial bibliográfico deste trabalho. No entanto, é necessário trabalhar no sentido de expandir o uso da tecnologia em situações educacionais diversas. Esta expansão requer novos papéis para professores.

No caso específico do ensino de línguas, professores devem estar atentos aos desenvolvimentos de letramentos múltiplos (ROJO, 2009) de seus alunos. Assim, considerando que os livros didáticos de língua portuguesa ainda pouco oferecem atividades para letramentos em contextos digitais, eles devem planejar atividades extras.

Embora algumas publicações já apontem para a aproximação de uma web 3.0, os recursos da web 2.0 ainda são pouco empregados na educação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAUJO, E. V. F. (2011) Letramento em contexto digital: diferentes práticas de leitura e escrita. Cadernos do CNLF, Vol. XV, Nº 5, t. 1. Rio de Janeiro: CiFEFiL. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_1/56.pdf

_____. (2012) Letramento em Contexto Digital: uma análise de Livros Didáticos do Ensino Médio. Dissertação de Mestrado em Letras e Ciências Humanas. Duque de Caxias, UNIGRANRIO.

BUZATO, M. E. K. (2010) Novos letramentos e apropriação tecnológica: conciliando heterogeneidade, cidadania e inovação em rede. IN: RIBEIRO, A. L. et al. (Org) Linguagem, tecnologia e educação. São Paulo: Peirópolis.

CARLINI, A. L e LEITE, M. T. M (2010). Adolescentes e tecnologias: o aluno nativo digital. IN: CARLINI, A. L. e TARCIA, R. M. L. 20% a distância e agora?: orientações práticas para o uso da tecnologia de educação a distância no ensino presencial. São Paulo: Pearson Education do Brasil.

CASTILHO, R. (2011) Ensino a distância: EaD: interatividade e método. São Paulo: Atlas.

CHARAUDEAU, P. e MAINGUENEAU, D. (2008) Dicionário de Análise do Discurso. 2 Ed. 3ª Impressão. São Paulo: Contexto.

FERRARI, P. (2010) (org) Hipertexto e Hiperídia: as novas ferramentas da comunicação digital. São Paulo, Contexto.

FREITAS, M. T. A. (2009) A formação de professores diante dos desafios da cibercultura. In: FREITAS, M. T. A. (org.). Cibercultura e Formação de Professores. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

GABRIEL, M. (2010) Marketing na era digital: conceitos, plataformas e estratégias. São Paulo: Novatec Editora.

GALLARDO, B. C. (2010) Letramentos digitais e aprendizagem de língua inglesa nas redes sociais. IN: RIBEIRO, A. L. et al. (Org) Linguagem, tecnologia e educação. São Paulo: Peirópolis.

- KOCH, I. V. & ELIAS, V. M. (2008) Ler e compreender: os sentidos do texto. 2 ed. São Paulo: Contexto.
- LÉVY, P. (2010) Cibercultura. 3 Edição. São Paulo: Editora 34.
- LITTO, F. M. (2010) Aprendizagem a distância. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.
- MADEIRA, M. S. (2012). Livros Didáticos de Língua Portuguesa: O Ensino De Gêneros Textuais. Dissertação de Mestrado em Letras e Ciências Humanas. Duque de Caxias, UNIGRANRIO.
- MAIA, C. e MATTAR, J. (2007) ABC da EaD: educação a distância hoje. São Paulo: Pearson Prentice Hall.
- MARCUSCHI, L. A. (2008) Produção textual, análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola.
- _____. (2010) Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. IN: MARCUSCHI, L. A e XAVIER, A. C. Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção dos sentidos. 3 ed. São Paulo: Cortez.
- MATTAR, J. (2011) Guia de educação a distância. São Paulo: Cengage Learning. 2011.
- _____. (2012) Tutoria e interação em educação a distância. São Paulo: Cengage Learning.
- ROJO, R. (2009) Letramentos Múltiplos, Escola e Inclusão Social. São Paulo: Parábola Editorial.
- SANTAELLA, L. (2010) Culturas e artes do pós-moderno: da cultura das mídias à cibercultura. 4ª Edição. São Paulo: Paulus.
- TORI, R. (2009) Cursos híbridos ou blended learning. IN: LITTO, F. e FORMIGA, M. (Org) Educação a Distância: o estado da arte. São Paulo: Pearson Prentice Hall.
- _____.(2010) Educação sem distância: as tecnologias interativas na redução de distâncias em ensino e aprendizagem. São Paulo: Editora Senac São Paulo.
- VALENTE, C. e MATTAR, J. (2007) Second Life e Web 2.0 na Educação: o potencial revolucionário das novas tecnologias. São Paulo: Novatec.
- VILAÇA, M. L. C. (2011) Web 2.0 e materiais didáticos de línguas: reflexões necessárias. Cadernos do CNLF, Vol. XV, Nº 5, t. 1. Rio de Janeiro: CiFEFiL. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xv_cnlftomo_1/90.pdf

VILAÇA, M. L. C. e ARAUJO, E. V. F. (2012) de. Questões de Comunicação na Era Digital: Tecnologia, Cibercultura e Linguagem IN: E-scrita Revista do Curso de Letras da UNIABEU Nilópolis, v.3, Número 2 , Mai. -Ago. 2012 Disponível em: http://www.uniabeu.edu.br/publica/index.php/RE/article/viewFile/457/pdf_239

XAVIER, A. C. (2010) Leitura, texto e hipertexto. IN: MARCUSCHI, L. A e XAVIER, A. C. Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção dos sentidos. 3 ed. São Paulo: Cortez.